

ACERCA DA VERDADE: UM DIÁLOGO ENTRE NIETZSCHE E RORTY

Francisco de Assis Silva Neto *

Resumo: Nosso intuito conceitual nessa proposta de ensaio científico, se dará a partir das perspectivas de dois filósofos distintos, a saber, Friedrich Nietzsche (1844-1900) e Richard Rorty (1931-2007) acerca da crítica ao tema da verdade. Possuindo como horizonte compreensivo a desconstrução da ideia de verdade que foi proposta pelo filósofo alemão. Tanto quanto, a que foi posteriormente desenvolvida pelo filósofo americano, possuindo, naquele momento, outro pano de fundo, a saber, as ideias provenientes do pragmatismo. Nossa estrutura conceitual se dará em dois momentos, primeiramente trataremos da crítica nietzschiana. Feito isso, pretendemos expor de que modo Rorty também nega se debruçar sobre a ideia de verdades metafísicas ou substratos ontoteológicos, para pensar uma filosofia capaz de mudanças sociais significativas, deslocando a filosofia para pensar as contingências.

Palavras-Chave: Verdade. Crítica. Pragmatismo.

ABOUT THE TRUTH: A DIALOGUE BETWEEN NIETZSCHE AND RORTY

Abstract: Our conceptual intention in this proposal of philosophical investigation, will take place from the perspectives of two distinct philosophers, namely, Friedrich Nietzsche (1844-1900) and Richard Rorty (1931-2007) about the criticism of the theme of truth. Having as a comprehensive horizon the deconstruction of the idea of truth that was proposed by the German philosopher. As much as that which was later developed by the American philosopher, having, at that moment, another background, namely, the ideas arising from pragmatism. Our conceptual structure will take place in two moments, first we will deal with Nietzschean criticism. That done, we intend to expose how Rorty also refuses to dwell on the idea of metaphysical truths or ontoteological substrates, to think a philosophy capable of significant social changes, displacing philosophy to think contingencies.

Keywords: Truth. Criticism. Pragmatism.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: tendnietzsche@ufpi.edu.br.

INTRODUÇÃO

A história da filosofia foi permeada por pensadores que buscaram, em seu corpo teórico, esgotar os aspectos constituintes da própria realidade a qual estavam inseridos. Possuindo assim, um modo de pensar que foi criticado como metafísico⁷¹ ou idealista por Nietzsche e posteriormente como fundacionalista pelo eixo pragmatista dos pensadores americanos.

Nossa proposta de interseção entre dois autores distintos, a saber, Nietzsche e Rorty, se dará com um elo em comum. A crítica a ideia de verdade e realidades imutáveis, que, como dito anteriormente, foram temas comuns na produção filosófica desde de sua gênese. Desse modo, visamos aproximar ambos os pensadores, possuindo como gatilho conceitual a crítica a modelos filosóficos perenes.

A filosofia de Nietzsche, apresenta-se como essencialmente crítica a grande parte da história da filosofia. O tema da verdade foi duramente criticado pelo alemão, todavia, em duas posturas que um exame mais atento pode nos revelar. Em um primeiro momento, o jovem Nietzsche está preso a ideia de verdade por si mesma, pensando por um eixo de construção linguística. Já nos textos da maturidade, a filosofia nietzschiana acaba por se debruçar sobre a metafísica, que segundo o autor, teria gestado todas as ideias imutáveis na filosofia, incluindo assim, a ideia de verdade.

Logo, utilizaremos para compor a perspectiva nietzschiana textos de sua juventude, tanto quanto textos que são postos como intermediários ou da maturidade. Porém, não pretendemos aqui elucidá-las em forma de lista e anos, pois não temos por intenção reforçar a cisão que é comumente descrita na bibliografia do autor.

Após esse exercício buscaremos demonstrar como o filósofo americano compreendeu a ideia de verdade. Rorty também propõem se ater a essa questão no horizonte de crítica. Mas, suas pretensões eram diferentes das de Nietzsche. O exercício crítico da filosofia rortyana estava em consonância com o pragmatismo e buscava trazer a filosofia para outro terreno, o das mudanças e transformações sociais. Dito isto,

71 Concebemos, doravante, o ideário metafísico como gestando a ideia de verdade, por conseguinte, iremos nos referir a ambos basicamente com o mesmo intuito, o de expor as críticas tecidas pelos dois filósofos, objetos de nossa investigação.

apresentaremos de modo panorâmico o que neopragmatista apresenta nos moldes de uma abordagem deflacionista da verdade.

Inserido no eixo neopragmatista que bebeu da herança pós-metafísica pensada por Nietzsche e difundida por outros ramos da filosofia contemporânea, a exemplo do positivismo⁷² lógico, ao qual Rorty também estabelece diálogos. Esse trabalho, entretanto, não objetiva expor o pensamento de Rorty como um continuador do pensamento de Nietzsche. Possuindo bem mais proximidade com os pragmatistas clássicos que o americano presta homenagens, a saber, John Dewey (1859-1982), Willian James (1842-1910) e Chales Sanders Peirce (1839-1914).

A filosofia de Rorty buscou tencionar a ideia de verdade por possuir outro paradigma para ocupar seu lugar. A deflação da verdade foi necessária para que algo mais efetivo tomasse o seu lugar, a demolição do gasto, para a construção do novo. Esse era o intuito das proposições rortyanas. Sempre buscando que a filosofia possuísse uma interseção com a sociedade, de modo a torná-la mais justa para a atualidade e fecunda para as gerações futuras.

Ademais, proporemos expor de modo breve a aproximação entre os dois filósofos, ligados especialmente pelo movimento de crítica a tradição filosófica. Rorty concebendo Nietzsche como uma espécie de percussor do movimento pragmatista. Todavia, rechaça certos aspectos de sua filosofia. Portanto, não concebemos a filosofia de Rorty como continuadora da nietzschiana.

1. Nietzsche, verdade e crítica

Um dos primeiros textos do filósofo alemão, intitulado de *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (2007), que data do ano de 1873, época comumente denominada de jovem Nietzsche, surgem os primeiros movimentos críticos do autor, contra as pretensões da verdade filosófica. Nesse texto o alemão faz referência a como a ideia de conhecimento se desenvolveu no imaginário dos indivíduos. Como os pensadores atribuíram para si tal problemática, nesse contexto Nietzsche nos traz

72 Aqui utilizado como exemplo de movimentos que fizeram críticas pelo esgotamento da metafísica. Mas que, não estará presente no corpo teórico dessa pesquisa por acreditarmos que seria uma ampliação desnecessária de horizontes para um trabalho dessa natureza.

No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer. (VM⁷³, I)

O autor narra a história do conhecimento como uma invenção da humanidade. Colocando o homem frente a vastidão da natureza que o cerca e mesmo do próprio universo infinito que ainda nos dias atuais escapa a compreensão total. Nietzsche traz a pequenez desse momento com uma linguagem poética; com um intuito específico; criticar a arrogância que ele classifica ser próprio dos filósofos.

Entretanto, a citação anterior aparece pela primeira vez no texto que Nietzsche intitulou de *Pathos da verdade* (2019), escrito um ano antes em 1872. Nele o autor nos traz como continuidade textual dessa mesma passagem o destino desses homens inventores: “Foi bem a tempo: pois, se eles vangloriavam-se por terem conhecido muito, concluíram por fim, para sua grande decepção, que todos os seus conhecimentos eram falsos; morreram e renegaram, ao morrer, a verdade. (CP, 1, Sobre o *pathos* da verdade)

Nietzsche nos expõe essa perspectiva visando demonstrar quais caminhos conduziram o homem a inventar pra si a ideia de verdade. Feita essa reflexão, aponta a necessidade quase patológica de perpetuação de si mesmo enquanto espécie, por ser fisicamente inferior aos animais, acreditou-se que a razão era o diferencial desses indivíduos e a partir dela deveríamos avaliar e classificar as coisas ao nosso redor. Como diz Nietzsche

Nada há de tão desprezível e de tão insignificante na natureza que não transborde como um odre ao menor sopro dessa força do conhecer, e assim como todo carregador quer também ter o seu admirador, o homem mais arrogante, o filósofo, imagina ter também os olhos do

73 Para referências posteriores utilizaremos as seguintes abreviações: VM para *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*, ZA para *Assim falou Zaratustra*, ABM para *Além do bem e do mal*, CP para *Cinco prefácios*. Seguirá uma sigla em algarismo arábico para indicar o aforismo/seção da obra que estamos nos referindo, bem como um algarismo romano quando identificada desse modo nas obras. Nas vezes em que não houver numeração, seguirá abreviação e o título escrito da parte em questão, em conformidade com o modo que Nietzsche se propunha em suas obras.

universo focalizados, como um telescópio, sobre suas obras e seus pensamentos. (VM, I)

Então, para Nietzsche, essa necessidade de busca da verdade teve como principal instigador o que ele chama de “arrogância” do filósofo. A pretensão de que suas concepções subjetivas e privadas acerca do mundo, reflitam de fato algum tipo de componente primário e imutável da natureza. É contra essa ideia que a filosofia nietzschiana propõe conflitar.

As proposições do filósofo, já nos textos de juventude, não se furtam a conceber o papel da linguagem⁷⁴ como determinante na estruturação do pensamento que almeja esgotar ou refletir a realidade acerca de seus constituintes teóricos. Quanto a este ponto o filósofo argumenta que

De fato, aquilo que daqui em diante deve ser a verdade, é então fixado, quer dizer, é descoberta uma designação uniformemente válida e obrigatória das coisas, e a legislação da linguagem vai agora fornecer também as primeiras leis da verdade, pois, nesta ocasião e pela primeira vez, aparece uma oposição entre verdade e mentira. (VM, I)

O homem, segundo Nietzsche, postula sua verdade e agora, com o auxílio da linguagem, postula também um meio de perpetua-la, a saber, cria uma antítese a sua concepção, necessariamente falsa e a nomeia como mentira. Sob essa ótica que se estabelece uma primeira noção dualista; verdade contra mentira. Acerca desse embate maniqueísta que se desenvolveu a necessidade do homem de rumar em direção ao que se apresenta como verdade e rechaçar o que possuir status de mentira.

Toda essa narrativa possui raízes em diversas camadas componentes da sociedade. Os perigos da formulação de conceitos, valores morais, religiosos e políticos, que partem da subjetividade de um indivíduo ou de um grupo, atribuir a esses valores⁷⁵ o status de verdades e ir gradualmente gestando sua validade na história e na cultura. É esse precisamente o ponto de reflexão que Nietzsche está a nos alertar. Os altos riscos

74 Instância que será muito cara para a filosofia neopragmatista rortyana. A partir da leitura do primeiro momento dessa pesquisa, que não se perca de vista que esse aspecto primeiro, visa uma introdução a perspectiva de Rorty que será posteriormente apresentada.

75 Essa ideia de valores, aparece como embrião no jovem Nietzsche e terá uma ressonância crucial em projetos da maturidade do filósofo, a exemplo de seu projeto genealógico.

da adoção de uma ideia perspectiva com intuito de perpetuação, próprio da vontade de verdade. O autor nos alerta

O amor pela verdade que nos conduzirá a muitas perigosas aventuras, essa famosíssima veracidade de que todos os filósofos sempre falaram respeitosa — quantos problemas já nos colocou! E problemas singulares, malignos, ambíguos! Apesar da velhice da estória, parece que acaba de acontecer. Se acabássemos, por esgotamento, sendo desconfiados e impacientes, que haveria de estranho? É estranhável que essa esfinge nos tenha levado a nos formular toda uma série de perguntas? Quem afinal vem aqui interrogar-nos? Que parte de nós tende "para a verdade?" Detivemo-nos ante o problema da origem dessa vontade, para ficar em suspenso diante de outro problema ainda mais importante? Interrogamo-nos sobre o valor dessa vontade. (ABM, 1, §1)

Nietzsche está, de modo veemente, buscando demonstrar que os caminhos que a busca pela verdade poderia conduzir são espinhosos, cíclicos e em várias instâncias, improdutivos, por fazer os indivíduos buscarem a mumificação de conceitos e ideias e portanto, condenar a si mesmos a imobilidade⁷⁶ e por conseguinte a castração de sua própria liberdade enquanto sujeitos em um mundo de possibilidades. O que seria então a verdade para Nietzsche?

Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, apenas como metal. (VM, I)

A citação anterior sintetiza o que até o momento tentamos demonstrar, a saber, a verdade como uma construção linguística perspectiva, que pelo uso e pelo lento passar

76 A ideia de imobilidade é uma antípoda a filosofia nietzschiana, apesar das maiorias das referências serem a textos da juventude do filósofo, essa concepção iria amadurecer e aparecer posteriormente em seus textos nos moldes de sua *transvaloração* de todos os valores, que seria, grosso modo, uma proposta de metamorfose dos valores morais, oriundos de uma postura do ressentimento, em especial as ligadas ao cristianismo. Segundo Marton: “Transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados. Aqui, Nietzsche espera realizar obra análoga à dos iconoclastas: derrubar ídolos, demolir alicerces, dinamitar fundamentos. É deste ponto de vista que critica a metafísica, a religião e a moral. (MARTON, 1999, p.138)

do tempo, acabou adquirindo um status que não lhe deveria ser crível; o da imobilidade. Pela repetição, essas concepções passaram a ser entendidas como necessárias, como: verdades. Portando, verdades são pretensas criações de períodos e pensadores, Nietzsche nos diz: “[...] naqueles tempos em que ‘achar’ e ‘inventar’ tinham o mesmo significado”. (ABM, I, §2).

O filósofo alemão entende que a história da filosofia até então, fora composta por inventores de conceitos, que atribuíram o status de verdades para suas criações. Entre os principais estão Sócrates e Platão com a primeira gênese da metafísica⁷⁷, nos moldes de seu mundo das ideias e da sua cisão entre corpo e alma, reflexões caras para a filosofia nietzschiana. Seguidos⁷⁸ por René Descartes (1596-1650) com seu *cógitio* e por Immanuel Kant (1724-1804) com seus juízos sintéticos *a priori*.

Nietzsche nos aponta a necessidade de um rompimento com essas posturas estáticas e propõem uma transmutação das questões, que migrem de uma certeza, de pressupostos de verdades, para um talvez, um exercício de transformação. Para isso

Talvez! Mas, quem cuida de uns ‘talvezes’ tão perigosos? Para que isso suceda é preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham inclinações e gostos diametralmente opostos aos atuais. Filósofos do perigoso ‘talvez’ em todos os sentidos. E falando seriamente parece-me que os vejo surgir. (ABM, I, §2)

O filósofo alemão propôs que para dismantelar os edifícios teóricos que foram construídos e que possuíam como alicerces valores e verdades inquestionáveis era preciso, antes: “E quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores.” (ZA, II, Da superação de si mesmo).

Partindo desse novo horizonte interpretativo que propomos chamar de pós-metafísico, que teve como primeiro expoente a filosofia nietzschiana. Empreendemos introduzir o filósofo americano Richard Rorty, que além de dialogar com Nietzsche em

77 A crítica ao racionalismo de Sócrates e a metafísica de Platão, pode ser observada com maior clareza e aprofundamento na obra nietzschiana intitulada de *Crepúsculo dos Ídolos* (2016). Apesar de atravessar toda a produção do filósofo.

78 A crítica a Descartes e Kant, não pode ser observada especificamente em uma obra, por não existir no pensamento nietzschiano uma reflexão aprofundada sobre esses autores, como existe, em certa medida, com Platão. Todavia, pode ser encontrada na obra denominada de *Além do bem e do mal* (2005).

alguns de seus textos, também partilha de um movimento crítico quanto a ideia de verdade. Possuindo apenas um outro crivo que doravante pretendemos demonstrar, com o intuito de aproximá-lo e ao mesmo passo distanciá-lo de Nietzsche, em um ou outro ponto.

2. Rorty e a verdade

Antes de quaisquer explicações acerca da filosofia rortyana, classificamos como necessário uma exposição breve e pontual do eixo temático em que o filósofo americano está inserido, a saber, o neopragmatismo, que é oriundo do pragmatismo clássico de Pierce, James e Dewey. Todavia, não é um repetidor do mesmo, mas um continuador sob outras perspectivas. Acerca do pragmatismo: “O termo pragmatismo, do grego *pragma*, quer dizer ação, prática. Seu sentido está relacionado ao fazer, ao que é ação, ou ao que pertence ao campo da ação.” (NASCIMENTO, 2014, p.21)

O parágrafo anterior, refere-se ao pragmatismo clássico a que Rorty se relaciona, todavia, a postura do filósofo americano difere em alguns pontos da perspectiva e compreensão clássica do mesmo, inserindo-se, portanto, no eixo neopragmatista que consiste em

Na perspectiva neopragmatista, a “investigação humana” (seja ela de caráter filosófico, científico ou político) deve ser “uma tentativa de servir a propósitos transitórios e de resolver problemas transitórios”. Assim, tal como os animais desenvolvem *ferramentas* (garras, presas, trombas etc.) para melhor se adaptarem ao seu meio ambiente, os seres humanos se valem também do aprimoramento de ferramentas (principalmente a linguagem) para interagir com sua espécie e meio social. (SILVA, 2008, p.118)

Partindo de uma compreensão possível da citação anterior, que se expõe uma diferenciação do pragmatismo clássico para o que Rorty representa, a saber, uma substituição de paradigmas, a ênfase na experiência, passa a dar lugar para a linguagem. Profundamente influenciado pelo *linguistic turn* de Ludwig Wittgenstein (1889-1951).

É importante ressaltar que o tema da verdade já não mais aparece de forma direta na filosofia de Rorty, do mesmo modo a discussão já parecia superada desde os pragmatistas clássicos. Todavia, a crítica a metafísica aparece na filosofia rortyana com o papel de gatilho conceitual para sua própria proposta. É este o ponto que pretendemos elucidar.

Dito isto, propomos agora nos ater especificamente ao conceito de verdade no arcabouço filosófico de Richard Rorty e de seu processo crítico em relação com o mesmo. Nossas reflexões estarão centradas em textos variados de Rorty, a exemplo de *Filosofia como política cultural* (2009) e *Ensaio sobre Heidegger e outros* (1999), todavia, não se restringindo somente a esses.

Rorty, no princípio do sétimo capítulo de sua obra *Filosofia como política cultural*, mostra-se avesso a teorias de correspondência da verdade e contrário a concepções de natureza metafísica e/ou *ontoteológicos*. Afirmando que: “No cerne do pragmatismo existe a recusa em aceitar a teoria de correspondência da verdade e a ideia de as crenças verdadeiras são correspondências precisas da realidade.” (RORTY, 2009, p.179).

Quanto a isso, acreditamos necessário o rememorar da proposição nietzschiana apresentada anteriormente, quando afirma as verdades como criações linguísticas que tinham por intuito representar a realidade, na cisão entre ‘achar’ e ‘inventar’ é precisamente o mesmo ponto que o filósofo americano está fazendo referência.

Assim como Nietzsche, o neopragmatista americano pensa que esse ranço conceitual é oriundo dos filósofos, ao afirmar que

Mas, apenas aqueles que estudam filosofia perguntam se os Rolex são verdadeiramente reais. Ninguém além deles leva a sério a distinção platônica entre a Realidade com R maiúsculo e a Aparência com A maiúsculo. Essa distinção é o alvará da metafísica.” (RORTY, 2009, p.179)

Rorty vai atribuir a tarefa de criação de verdades imutáveis e teorias impraticáveis ao ranço metafísico⁷⁹ que foi deixado na filosofia, pensado por Parmênides e desenvolvido por Platão, possuindo ressonâncias diretas ou não, em toda a história do ocidente. Ao afirmar que: “Parmênides deu partida no motor da tradição filosófica ocidental ao conceber a noção de realidade com R maiúsculo.” (RORTY, 2009, p.180)

79 Apesar da crítica de Nietzsche ao modo de pensar metafísico ser mais contundente, decidimos reservar esse ponto da pesquisa a filosofia de Rorty, por considerarmos mais pertinente a constituição teórica que irá se seguir.

Rorty parece ser o pensador que Nietzsche fazia referência ao imaginar uma nova gama de filósofos que iriam romper com esse contraste entre verdade e mentira, realidade e aparência, que não trouxe bons frutos para a filosofia, além de becos epistemológicos sem saída. Como o próprio filósofo se descreve

Filósofos que, como eu, evitam essa distinção devem abandonar o projeto filosófico tradicional de encontrar algo estável que servirá como critério para julgar os produtos transitórios de nossas necessidades e interesses transitórios. (RORTY, 1999, p.XVII, tradução⁸⁰ nossa)

Pode-se observar, a partir da citação anterior, um novo projeto filosófico, uma alternativa ao dualismo necessário que é oriundo da crença na metafísica. Rorty nos aponta uma forma de saída. Uma alternativa para o que chamou de “julgo de Platão e Kant”. Essa nova postura, já não possuía a verdade como objeto principal, mas a necessidade de transformação do que havia se tornado obsoleto e mesmo assim ainda vigorava na filosofia e na vida dos indivíduos. Como afirmou Rorty

Não podemos deixar que os nossos oponentes nos imponham o vocabulário que usam, temos que repudiar esse vocabulário – o que equivale a dizer, mais uma vez, que devemos evitar o platonismo e a metafísica, no sentido lato da metafísica, o mesmo sentido no qual Heidegger afirmou que metafísica é platonismo. (RORTY, 1999, p. 118).

Rorty está afirmando que é necessário se desvencilhar não somente das ideias e pressupostos metafísicos, mas um afastamento, inclusive de sua linguagem, seria estritamente necessário para esse processo de refutação. De *redescricao*⁸¹ dessas posturas, para então, superá-las. A proposta de redescrever é preciosa ao ideário do pensador americano e talvez o seu grande projeto filosófico. Consistindo em

80 “Philosophers who, like myself, eschew this distinction must abandon the traditional philosophical Project of finding something stable which will serve as criterion for judging the transitory products of our transitory need and interests.”

81 Com o intuito de reforçar esse quesito, uma vez que é de suma importância para Rorty, apresentamos a fala de Calder: A alternativa de Rorty para a filosofia, tal como é concebida tradicionalmente, é colocar a atual redescricao de nossas circunstâncias e perspectivas no lugar do desvelar gradual de sua natureza “real”. Em vez de compreender a investigação como uma progressão de acordo com uma linha preestabelecida em direção a um entendimento mais verdadeiro, Rorty a entende como um processo de colocar ideias em diferentes contextos, e apresentar novas descrições. (CALDER, 2003, p.10)

O método consiste em redescrever muitas e muitas coisas de novas maneiras, até se criar um padrão de comportamento linguístico, que despertará na geração em formação a tentação de adotar, levando-a, dessa forma, a procurar formas novas e apropriadas de comportamentos não linguísticos, por exemplo, a adoção de equipamento científico ou de instituições sociais novas. (RORTY, 1994, p.30)

O filósofo americano, nos traz uma nova forma de encarar esses edifícios teóricos, uma vez que parecia impossível superá-los. Se tivermos em mente a noção de verdade que apresentamos em Nietzsche e a introjeção desses conceitos nas mais variadas camadas da sociedade e do imaginário social. Portanto, a redescrição se mostra não como um renegar de constructos racionais, mas de adequação, leitura e transformações constantes, até gerar uma nova postura oriunda desse exercício.

Dito isto, não nos parece implausível especular que as filosofias de Rorty e Nietzsche, convergem para uma superação da ideia de verdade, de imobilidade, rumo a ideia do talvez, da inconstância. Não de modo pejorativo ou simplista do termo, mas no resgatar as potencialidades de criação humanas, de persuasão e de transformação.

É certo que Nietzsche, não possuía em sua constituição filosófica a necessidade de melhoramento da humanidade em qualquer sentido, deixando muito claro que este não seria seu intuito. A filosofia nietzschiana parece ter lançado luz sobre uma questão, enquanto a rortyana, adaptou e desenvolveu suas bases com uma maior precisão. Uma vez que Nietzsche é famoso por não possuir o que se entende por esquema filosófico.

Dito isto, nos parece necessário demonstrar qual o intuito de Rorty com a redescrição, filósofo americano não desenvolve apenas um argumento crítico, no seu arcabouço existe um projeto, uma nova função para a filosofia

Deveríamos tentar pensar a imaginação não como uma faculdade que gera imagens mentais, mas como uma capacidade de mudar as práticas sociais propondo novas utilizações vantajosas de sinais e ruídos. Para sermos imaginativos, e não meramente fantasiosos, necessitamos tanto de fazer algo novo quanto de termos sorte suficiente para que nossa novidade seja adotada por nossos camaradas. (RORTY, 2009, p.182)

Portanto, a citação anterior é o ponto alto de nossa constituição, o resultado não somente do gatilho nietzschiano em criticar a ideia de verdade. Mas, como a filosofia

rortyana interpretou essa crítica, como uma possibilidade de redescrever não somente a filosofia, mas as próprias realidades coletivas.

Nesse sentido, o pragmatismo clássico focado nas experiências, encontra o neopragmatismo de Rorty, focado na linguagem. A união de ambos, que parece ser o intuito do filósofo americano é uma nova filosofia, debruçada no agora, propensa não mais as divagações de outrora, mas ao mundo das contingências, voltada a pensar mudanças significativas para o acontecer das realidades sociais transitórias.

Certamente o neopragmatista percebeu que qualquer processo de transformação que visava solapar as bases constituintes de filosofias consagradas, não poderia ocorrer de modo abrupto e repentino. Assentado nessa ideia, Rorty pensa sua teoria deflacionárias da verdade. Ao afirmar que

Dizer que deveríamos abandonar a ideia de uma verdade que se encontra diante de nós à espera de ser descoberta não é dizer que descobrimos que, diante de nós, não há qualquer verdade. É dizer que a melhor maneira de servir os nossos fins seria deixar de ver a verdade como um assunto profundo, como matéria de interesse filosófico, e de ver “verdadeiro” como um termo que merece “análise” (RORTY, 1994, p. 29).

Rorty não está propondo implodir as bases da filosofia estruturada na verdade. Mas, sugere uma paulatina diminuição do interesse e inclinação filosófica para com essas questões. Deflacionar no próprio sentido semântico da palavra se trata de desinflar, de torna-lo menor e nesse sentido, menos relevante do que de fato deveria ser. Por acreditar que as contingências e questões humanas e sociais merecem mais atenção que a velha ideia arcaica de somente teorizar sobre o mundo.

O filósofo americano, por estar ancorado na perspectiva linguística entende que nosso modo de interação no mundo é através da linguagem. Por ser um herdeiro do pragmatismo clássico, Rorty pensa sua perspectiva sob a ótica do fazer no mundo a partir do seio linguístico e como este era mutável. Assim como mudavam as coisas no mundo, a linguagem também deveria adaptar-se as novas necessidades.

É sob esse corolário que a perspectiva rortyana vai abandonar o projeto tradicional da filosofia, o de ser uma teoria geral da representação, em que o filósofo se apresenta como anunciador de fatos perenes. Entendendo que o eixo neopragmatista e a

filosofia como um todo deveriam lançar luz a sociedade, as desigualdades, a solidariedade e as necessidades de momento de seres momentâneos. Desse modo seria capaz de uma mudança significativa das condições de vivência humanas.

Sob essa seara conceitual que tivemos por intenção clarear, ao menos de modo panorâmico, como esses dois autores fazem referência a verdade e a metafísica e suas propostas de crítica e superação dessas instâncias. De modo a erigir uma nova forma de compreender a realidade circundante, tanto quanto um novo horizonte interpretativo para pensar e fazer a filosofia.

3. Considerações finais

Essa pesquisa, em suma, teve como intenção basilar apresentar a princípio, o modo de compreensão da filosofia nietzschiana no que tange a ideia de verdade. Trouxemos para o debate os textos intitulados de: *Verdade e mentira no sentido extramoral*, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, *Além do bem e do mal e Assim falou Zaratustra*. Produções diversas, de períodos diversos da filosofia nietzschiana.

Optamos por não expandir mais os horizontes, visando não cair em divagações e precipitações teóricas. Tivemos por intenção com esse exercício, demonstrar que já na filosofia nietzschiana, podemos perceber que essa discussão é infrutífera e desse modo, tornar mais pertinente a reflexão que se seguiu com a proposta rortyana.

Quanto ao referente a Richard Rorty, segundo ponto desse artigo, nos focamos em demonstrar não mais apenas uma crítica a verdade, mas ao ramo da filosofia que possibilitou a introjeção dessas verdades, a saber, a constituição metafísica. Possuindo como aporte teórico os textos: *Filosofia como política cultural*, *Philosoy and Social Hope* (1999) e *A filosofia e o espelho da natureza* (1994). Todos confluindo em direção ao que tínhamos por intuito demonstrar.

Tivemos por intenção expor que, o modo redescritivo e deflacionário que é elaborado pelo filósofo americano, não somente se propõe a transformar a ideia de verdade e de metafísica, mas trazer a filosofia para o local que a história da filosofia a manteve afastada, a saber, o próprio corpo social e as vivências dos indivíduos. De

modo a pensar como esse ramo do saber, poderia deflacionar a ideia de verdade, realizar mudanças e trazer aspectos benéficos para a vida no agora e para as gerações vindouras.

Sabemos que existem muitos pontos de conexão, tanto quanto de antípodas conceituais no que tange a relação filosófica entre Friedrich Nietzsche e Richard Rorty. O tema da verdade foi apenas eleito para buscar demonstrar essa relação. Não tivemos por intenção esgotar os horizontes de compreensão dessa aproximação conceitual. Mas, apenas corroborar com as produções teóricas nessa vertente.

É inegável que tanto Nietzsche, quanto Rorty, possuem influência e ressonâncias diretas com o que está sendo produzido atualmente na filosofia, portanto, conferindo certa validade ao tema que este artigo propôs discorrer a respeito. Logo, a influência de ambos os pensadores nos dias atuais é de difícil refutação.

Referências Bibliográficas

CALDER, Gideon. **Rorty e a redescrição**. Trad. Luiz Henrique de Araújo Dutra. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MARTON, Scarlett. A morte de Deus e a transvaloração dos valores. **In: HIPNOE**. n.4, 133-143, 1999.

NASCIMENTO, E.M.M. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica a metafísica da cultura**. Teresina: Edufpi, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extramoral**. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RICHARD, Rorty. **Filosofia como política cultural**. Trad. João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 179-201.

RICHARD, Rorty. **Philosophy and Social Hope**. London: Penguin, 1999.

RICHARD, Rorty. **Contingência, Ironia e Solidariedade**. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Presença, 1994.

SILVA, H, A. Pragmatismo, narrativas conflitantes e pluralismo. In: **Princípios**. v.15, n.24, 99-133, 2008.